

K e os métodos de fuga

I. A outra língua

Rainer Maria Rilke, no período em que viveu no castelo de Muzot [1924 a 1926], na região de Valeis, na Suíça francesa, travou, com sua poesia, uma experiência decisiva. É o período de *Vergers* [Os jardins] e *Les Roses* [As rosas]. Experiência do desprendimento da língua materna: alemã; do *encontro com a língua outra*: francesa, Rilke, em núpcias com a língua francesa dá um salto vertiginoso para fora da origem – voo cigano – no qual devora o saber outro: *você não pode imaginar o quanto a obediência a essa língua admirada me fez rejuvenescer*, assim diz, em carta, a André Gide. É como se na experiência com a outra língua *retornasse* a infância da linguagem [que não deixa de ser um modo de *retorno*], escrevendo com uma *força* deflagradora que faz pulsar o acontecimento da poesia. Rilke [nas Rosas] escreve inteiramente afetado pelo contato com a coisa em si: *os jardins, as rosas*, numa espécie de celebração do primeiro encontro, no qual a poesia *deve* imanente aos fluxos de linguagem.

II. Mínimo. Múltiplo. Incomum

Situados numa zona de vizinhança com as experiências rilkianas, os trabalhos de Keyla Sobral se aventuram, em suas construções sintáticas e pictóricas, num tempo próprio, dando um salto criativo, *para fora*, das linhas enviesadas que cortam a história da arte. Desse modo, **K.** (Keyla Sobral) escapa a escolástica para ingressar nos fluxos, migrando dos pontos fixos da arte (o estabelecido) para ingressar nas linhas moveis do pensamento criativo. Há, por certo, nos seus trabalhos uma relação entre o *pensamento e o movente*, presente nas metamorfoses e anamorfozes, com as quais, num curioso processo de diferenciação efetua suas experiências.

K. (em **mínimo / múltiplo / incomum**) engendra um jogo que opera oscilando entre *forma e desforma*, num fazer duplo no qual, entre dobras e transitividade, o texto torna-se imagem e vice-versa, desatando os lanços da significação, erigindo um acontecimento cuja força criativa (corte / traço) desdobra-se num poderoso processo de instauração.

Nessa esfera, **K.** deflagra um experimento que não coincide com a razão, com a inteligência ou com a erudição, mas como uma proliferação de linguagens, de pensamentos, que transcorrem de um plano a outro pelas fendas abertas do Múltiplo: do Incomum.

Com efeito, “a porta”, “a escada”, “as correspondências”, no universo de **K.** são utensílios para fuga. Mas fuga do que? Da memória do mesmo, das significações, do comum. Seu pensamento é fugidio / veloz, suas imagens flutuam com leveza por situações tão díspares: do desejo aos objetos, da ausência a outrem, do farol aos cães. É sempre uma quebra, seguida de uma linha, tangenciadas por uma redobra.

Uma questão aqui se abre. Mas a questão, nesta exposição, está desde sempre aberta, como um umbral, pois seus trabalhos se espalham como uma série de ilhas dispersas (ou de faróis) que no conjunto formam um arquipélago, ou seja, a efetuação das diferenças é o sentido maior das suas experimentações, daí sua força múltipla. Suas imagens, por isso, transitam de um lugar a outro, navegam o tempo todo. Percorrem o deserto do ser em busca da outra margem.

III. A experiência da diferença

Tal como Rilke, Keyla Sobral empreende, a partir da sua constelação imagética, uma viagem. Sua jornada é em direção aos elementos rudimentares do traço, situados entre a infância e o devir, nos quais os objetos (pictóricos, sintáticos) se atravessam com intensidade. São encontros febris, forças em contágio, colisão, campos de intensidade. A matéria-prima da sua iconografia vem exatamente daí, por isso seus desenhos têm traços quase infantis, mas na verdade, a infância nos seus traços tem a ver com a originalidade da experiência, com o Devir, ou seja, com experimentar o que ainda não foi experimentando, o que ainda esta por vir, a infância do pensamento.

Nessa direção, **K.** valendo-se de uma potencia criativa retorna à singularidade da experiência, erigindo um processo seletivo que funciona como uma máquina que faz pulsar a afirmação da diferença através da sua escrita pictórica.

Os trabalhos de **K.**, nesta exposição, são como pedaços de sensações, criações nômade, cintilando numa estética que trafega entre o pop e o rupestre, com traços de iconografias diversas, cingidas de nuances minimalistas, pura invenção, derme, pedaços de pensamento.